

**A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA NA DITADURA MILITAR:
UM ESTUDO DISCURSIVO DE TEXTOS PUBLICADOS
PELA REVISTA *VEJA*, EM ABRIL DE 1969**

*Leilane Morais Oliveira**
*Cristiane Cataldi dos Santos Paes***

RESUMO: Este artigo analisa, por meio da Análise do Discurso da Divulgação Científica, como informações científicas foram divulgadas, na revista *Veja*, durante o AI-5. O objetivo é verificar como o discurso científico foi *recontextualizado* para o público geral, em um contexto histórico e social de repressão. A partir de um *corpus* formado por nove textos publicados na data referida, mostra-se como as condições de produção, marcadas por repressão à imprensa, influenciaram o dizer da revista em sua relação com a comunidade científica. Ademais, a análise linguístico-discursiva de dois textos (“Satélite espia segredos de toda a Terra” e “O impossível enxerto do olho”), divulgados em 30 de abril de 1969, mostra como os jornalistas driblaram a ditadura imposta ao periódico e, diante disso, conclui-se, afirmando que a divulgação do discurso científico na *Veja*, durante a ditadura e o AI-5, não se manteve neutra e isenta de criticidade como imposto pelo contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Ditadura; Divulgação científica; *Veja*.

1. Introdução

Como nos descreve a ciência historiográfica, o Brasil da década de 60 foi marcado pelo golpe militar que atingiu o governo do Presidente civil João Goulart (Jango). Sendo uma reação da direita conservadora à ênfase que Goulart conferia a projetos nacional-

* Mestre em Letras, pela Universidade Federal de Viçosa, e doutoranda, no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

** Doutora em Linguística pela Universidad Pompeu Fabra. Professora Associada III da Universidade Federal de Viçosa.

desenvolvimentistas, esse golpe se caracteriza como uma tentativa de impedir que as políticas governamentais de Jango levassem o Brasil a ser independente do capital estrangeiro. O que, ligado ao populismo presidencial e a certo caos administrativo e político que se estabelecera no país, gerava inquietudes na oposição e fazia disseminar, entre a população, a ideia de que Goulart instauraria o comunismo no Brasil.

Não obstante, sabe-se que, no interior das Forças Armadas, Goulart rompeu com a questão de hierarquias e instituiu critérios políticos como os únicos meios para que os oficiais elevassem suas patentes, o que desagradava os mesmos e sugeria que o Presidente visava constituir, para fins golpistas, um exército que lhe fosse leal (FICO, 2004, p. 43).

Contrariados e diante de uma possível instauração do comunismo, alguns militares articularam-se a outros golpistas que, aos 31 de março de 1964, fizeram eclodir o golpe de Estado que depôs João Goulart e tornou o Marechal Castelo Branco o novo presidente, bem como o responsável pelo ingresso do país na Ditadura Militar. Dessa forma, Castelo Branco, por meio de alguns Atos Institucionais (AI-1 e AI-2), fez com que diversas deposições e cassações de direitos políticos fossem realizadas; extinguindo partidos, impondo eleições indiretas etc. (REIS, 2002, p. 33).

Não obstante, a chamada “linha dura” ditatorial só foi iniciada por volta de 1967, período no qual Castelo Branco foi deposto e o general Costa e Silva (em março de 1967) assumiu o poder, utilizando, a partir de então, diversos tipos de censura à imprensa e de torturas a civis como políticas de Estado. Em seu governo, portanto, o sistema DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna) foi instaurado e, no dia 13 de dezembro de 1968, o Diário Oficial da União publicou e incorporou, à Constituição Federal, o Ato Institucional - Número 5 (AI-5), o qual fortaleceu e tornou ilimitado o poder do Estado e do Presidente (JOFFILY, 2008, p. 43).

Dentro desse contexto de criação e de exercício do AI-5, práticas repressivas de eliminação do equilíbrio entre os poderes (legislativo, executivo e judiciário) e de suspensão das liberdades individuais e de imprensa foram generalizadas. Atos como o de colocar

em recesso o Congresso Nacional e as Assembléias Legislativas e os de “suspender direitos políticos dos cidadãos, legislar por decreto, julgar crimes políticos em tribunais militares, cassar mandatos eletivos, demitir ou aposentar juízes e outros funcionários públicos” (ANTUNES; RIDENTI, 2007, p. 87), torturar, matar e exilar oposicionistas tornaram-se frequentes, sob o discurso de visar a manutenção da ordem e da segurança nacionais.

Indiferente a esse momento de crise, contudo, ocorreu no Brasil a fundação de diversos núcleos de imprensa, entre os quais estava a revista *Veja*, a qual logo se definiu ideológica e editorialmente como esquerdista. Considerando, portanto, esse momento histórico de instauração do AI-5 e tendo em mente que a revista *Veja* se prestou à divulgação de informações científicas mesmo nesse contexto de forte censura, esse artigo visa refletir a respeito de como a referida revista divulgou e recontextualizou as informações relacionadas à ciência, para o público não especializado, durante o mês de abril¹ do primeiro ano de exercício do AI-5; levando em consideração que a mesma não somente foi criada durante o vigor inicial desse ato, como também foi, algum tempo após a sua estreia nas bancas, censurada pelo mesmo.

Diante do fato de que algumas edições da revista foram vetadas e da hipótese de que, nem sempre, o que era produzido pela comunidade científica corroborava com os interesses governamentais, torna-se interessante buscar compreender, com base nos pressupostos teórico-metodológicos provenientes da Análise do Discurso da Divulgação Científica, quais estratégias linguístico-discursivas foram utilizadas pelos jornalistas no processo de “recontextualização” da ciência para o grande público; a fim de analisar se as mesmas refletem um debate social, mesmo nesse contexto de forte repressão à imprensa, ou somente uma divulgação, *stricto sensu*, das informações de caráter científico.

¹ A escolha do referido mês se justifica em função de sua relevância em termos quantitativos, pois, como será discutido à frente, nesse mês foram publicadas nove notícias sobre ciência na revista *Veja*.

2. A Análise do discurso e o discurso de divulgação da ciência

A Análise do Discurso, tendo como base a integração de diversas disciplinas que enfocam o uso linguístico em contexto, permite relacionar os elementos da língua com as condições contextuais da divulgação discursiva, de forma que as unidades linguísticas concretas, os procedimentos discursivos e os gêneros sejam contemplados a partir dos propósitos e dos protagonistas que formam a relação comunicativa (CALSAMIGLIA; CASSANY, 1999).

Na mídia impressa, a aproximação entre dois universos discursivos completamente distintos: o do discurso técnico e científico, por um lado, e o do discurso cotidiano (do senso comum), por outro, requer a aparição de um enunciador que seja capaz de compreender, analisar e explicar o discurso das ciências, destacando algumas particularidades da formação discursiva científica e transmitindo os conhecimentos que respondam às necessidades cognitivas e sociais do público geral.

Assim, a tarefa de divulgar a ciência e a tecnologia na mídia impressa apresenta-se como uma prática discursiva dinâmica e complexa, determinada por uma série de recursos e procedimentos linguístico-discursivos. O fato de a divulgação ser a representação de um discurso acerca de outro discurso revela a dinâmica cognitiva, intertextual e social que caracteriza essa prática: o saber é representado em discursos e estes são sucessivamente reformulados segundo as formações discursivas em que circulam.

O discurso jornalístico, desse modo, torna-se o responsável por divulgar as informações de um meio científico particular e, por meio de reformulações, colocar essas informações à disposição de um público, muitas vezes, não especializado nos assuntos veiculados. A Análise do Discurso da Divulgação Científica visa, então, caracterizar como ocorre este processo de transmissão do discurso científico para as grandes massas e, também, busca identificar, descrever e analisar os diversos procedimentos linguísticos, contextuais e ideológicos envolvidos nessa difusão, visto que embora muitos veículos midiáticos apresentem-se como puramente informativos e imparciais, a objetividade é um mito que não condiz com a realidade relacionada ao discurso científico e à sua divulgação. O

que fica claro quando se pensa que, antes de serem divulgadas, as informações passam pelo crivo de um profissional que as seleciona e as apresenta sempre segundo um ponto de vista pré-estabelecido (BARREIROS; AMOROSO, 2008, p. 122).

3 A recontextualização do Discurso Científico

Conforme expõe Van Dijk (2011, p. 37),

[s]endo uma das instituições poderosas da sociedade, a ciência e suas organizações estão interessadas na reprodução desse poder. A comunicação científica é parte do processo dessa reprodução, ainda que somente o seja porque é uma das maneiras pela qual a ciência pode legitimar-se a si mesma, tanto em relação aos políticos como às empresas que financiam a pesquisa, assim como entre o público geral que deve manter suas políticas.

A partir dessa citação, vê-se que a popularização de informações de caráter científico na mídia é um lugar comum e necessário, tanto para a própria comunidade científica, quanto para o grande público. Dessa forma, esse processo se apresenta a partir de uma variedade de estratégias comunicativas que abarcam questões relacionadas à seleção, à organização e à reformulação discursiva das informações, o que permite observar o tratamento que é dado, pelos enunciadores, aos fatos científicos por eles enfocados.

Tal processo, chamado de “recontextualização” do discurso científico, caracteriza-se por *re-criar* os diversos tipos de saberes para cada público midiático; uma vez que os jornalistas, de modo específico e estratégico, buscam transmitir a ciência de uma forma que seja acessível ao público não especializado (CALSAMIGLIA *et al.*, 2001; VAN DIJK, 2001). Assim, a tarefa de divulgar não somente exige a elaboração de uma forma discursiva adequada às novas condições de circulação (conhecimentos prévios dos destinatários, interesses, canal comunicativo etc.), como também a utilização de estratégias que guiem os leitores para uma recepção eficaz das informações científicas.

A *recontextualização* do discurso científico é, assim, um processo dinâmico e complexo, já que a ciência depende da linguagem e esta dos indivíduos e das comunidades.

Como as pessoas possuem interesses diversos, também se aproximam da ciência a partir de diferentes perspectivas e, desse modo, a tarefa divulgadora implica em saber selecionar, reorganizar e reformular as informações do discurso científico para diferentes interlocutores.

Tal processo de “recontextualização”, por sua vez, faz com que os discursos de divulgação da ciência se materializem marcados por estratégias discursivas e procedimentos divulgativos específicos. Dentre as estratégias destacam-se as de “expansão”, “redução”, e “variação”, e, entre os procedimentos, aqueles referidos como “definição” e “denominação” (CIAPUSCIO, 1997; CASSANY, LÓPEZ, MARTÍ, 2000; CALSAMIGLIA *et al.*, 2001 e CATALDI, 2003, 2007a, b, 2008).

A *expansão* se refere a um procedimento que consiste em incluir, no texto de divulgação científica, informações que não constam no texto científico-fonte, mas que são indispensáveis à compreensão do leitor não especializado. A “redução” caracteriza-se por dois movimentos: um de supressão de informações do texto científico-base que, por motivos diversos, não são relevantes, necessárias ou convenientes ao jornalista (e/ou ao à redação) que irá divulgá-las; e outro de condensação/síntese dos conteúdos apresentados no texto científico-base. Já a “variação” diz respeito às múltiplas transformações pelas quais um texto científico pode passar até ser divulgado para o público-leitor.

Quanto aos procedimentos de “definição” e de “denominação”, temos que o primeiro se refere a explicações, feitas pelo enunciador, em relação às terminologias científicas que utiliza para a divulgação de determinados fenômenos e/ou descobertas; o segundo é uma estratégia léxico-semântica por meio da qual os jornalistas representam, utilizando termos que não os provenientes do discurso científico, os conceitos acadêmicos dos quais se valem para divulgar informações.

4. O corpus

Conforme foi dito, o *corpus* analisado nesse artigo é composto por nove textos publicados, pela revista *Veja*², durante o mês de abril de 1969. Quanto a essa revista, sabe-se que ela foi lançada no dia 9 de setembro de 1968, pelo Grupo Abril. Tendo sido idealizada por Roberto Civita, filho de Vitor Civita (fundador do Grupo Abril – Brasil), mas dirigida por Mino Carta, “*Veja e leia*” (nome inicial da revista) surgiu como concorrente da revista “*Manchete*” e, em seu início, definiu-se como mídia de cobertura política esquerdista.

Contudo, censurada durante oito anos pela ditadura militar e sem estabilidade no que diz respeito à venda de exemplares, a *Veja* mudou de rosto e assumiu, portanto, uma pauta jornalística que se voltava mais para as exigências da sociedade de consumo do que para questões de ordem política, como definido anteriormente (GAZZOTTI, 1998, 2001).

Quanto à organização do *corpus*, foram selecionados para análise todos os textos publicados, durante o período delimitado, na seção “*Ciência*”; a escolha do mês de abril refere-se à sua relevância em termos quantitativos. Em relação a isso, vale destacar que os textos foram retirados de um arquivo digital que a própria revista disponibiliza em sua página da *web*³ e que eles estão elencados, conforme o título, a data de publicação e a temática abordada, no quadro a seguir:

² Com tiragem superior a um milhão e cem mil e com circulação líquida de 1.164.296 exemplares, dos quais 908.662 são assinaturas e 119.187 são avulsos, a *Veja*, segundo a Projeção Brasil de Leitores (2013), conta com um total de 8.973.000 leitores. Quanto ao perfil desses leitores, a própria Editora Abril divulga, em sua página da *web*, que, segundo o Target Group Index e a Marplan (Assessoria de Negócios e Planejamentos), 45% dos que entram em contato com a revista são homens e 55% são mulheres, os quais encontram-se, em sua maioria, na faixa etária que vai dos 25 a acima dos 50 anos de idade (82%) e pertencem, majoritariamente, às classes sociais B e C (50% e 27% respectivamente). Informações disponíveis em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>. Acesso em: 29 set. 2015.

³ O referido arquivo encontra-se disponível para consulta em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 25 nov. 2014.

Título do Texto (Manchete)	Data de publicação	Temática
A morte vem da Terra	09/04/1969	Geologia
A velha gênese do mundo	09/04/1969	Astronomia
Os lucros no comércio dos cérebros	16/04/1969	Exportação de Ciência
Recife: os átomos contra o mosquito	23/04/1969	Saúde
A queda do primeiro supersônico	23/04/1969	Engenharia Aeroespacial
Satélite espia segredos de toda a Terra	30/04/1969	Engenharia Aeroespacial
Lua: outro vôo marcado	30/04/1969	Engenharia Aeroespacial
Os planetas do outro sol	30/04/1969	Astronomia
O impossível enxerto do olho	30/04/1969	Medicina

Quadro I – Textos do *corpus* de pesquisa
Fonte: Elaborado pelas autoras

Quanto às temáticas retratadas, observa-se que, dentre as nove notícias, cinco fazem referência a questões espaciais (sejam referentes ao estudo dos astros ou à produção de engenharia para fins aeroespaciais). Acredita-se que isso é devido ao próprio contexto histórico em que essas notícias foram produzidas, pois, com se sabe, esse momento demarca as discussões sociais em torno dos preparativos da NASA (*National Aeronautics and Space Administration* – EUA) para que, em 20 de julho de 1969, os americanos fossem à Lua pela primeira vez.

Além disso, o quadro demonstra que a *Veja* parece negligenciar pesquisas e inovações alcançadas por áreas como as das ciências humanas, exatas e agrárias para, em contrapartida, popularizar questões referentes, como foi dito, às inovações aeroespaciais, à medicina e, portanto, à saúde. Isso, de antemão, demonstra que, ao menos durante o mês de abril, a revista apresenta a ciência por meio de uma visão bastante tradicional e lógica.

4.1. Por um tratamento qualitativo do *corpus*

De acordo com o Informe Quiral⁴ (2000, p. 61), “[n]as redações dos diários algumas decisões são constantemente tomadas: quais serão os temas do dia, qual espaço será dedicado a cada um deles, quais fontes de informação serão consultadas ou como se ilustrará a notícia”⁵ (tradução minha). Entretanto, ainda que se possa supor a existência de certa variabilidade no que diz respeito a essas decisões, certos padrões parecem fixar-se na cobertura e no tratamento dos temas pela mídia, o que

[...] indica que muitas das decisões obedecem, consciente ou inconscientemente, a certa metodologia, a um padrão que não está explícito em nenhum lugar, mas que marca diretrizes gerais. Por exemplo, a distribuição das fontes de informação consultadas segue um padrão praticamente constante e o mesmo sucede com a distribuição dos textos conforme pertençam a um ou outro gênero jornalístico ou se estão localizados em uma ou outra seção⁶.

Com base nessas considerações, propomo-nos, então, a analisar se os textos estudados apresentam recorrências quanto aos autores que os assinaram, as fontes de informação que foram utilizadas e a ocorrência ou não de divulgações referentes à ciência nacional, a fim de verificar como a redação da revista *Veja* procedeu ao divulgar o discurso científico nesse período de ditadura e de AI-5.

Quanto à autoria, os textos analisados evidenciaram que nenhum nome, ainda que fictício (como os heterônimos), foi apresentado como responsável pelas informações veiculadas. Os fatos científicos foram divulgados, mas os nomes dos redatores não foram

⁴ *Informe Quiral* é uma publicação anual do Observatório de Comunicação Científica da Universitat Pompeu Fabra (Barcelona – Espanha), que apresenta um levantamento quantitativo referente às informações sobre ciência que foram publicadas na mídia impressa espanhola no decorrer do ano.

⁵ “En las redacciones de los diarios se toman decisiones constantemente: cuáles serán los temas del día, qué espacio se va a dedicar a cada uno de ellos, a qué fuentes de información se va a consultar o cómo se va a ilustrar la noticia.”

⁶ Op. cit., p. 61 – tradução minha: “[...] indica que muchas de las decisiones obedecen, consciente o inconscientemente, a una cierta metodología, a un patrón que en ningún lugar está explícito, pero que marca unas directrices generales. Por ejemplo, la distribución de las fuentes de información consultadas sigue un patrón prácticamente constante y lo mismo sucede con la distribución de los textos según si pertenecen a uno u otro género periodístico o si están ubicados en una u otra sección.”

expostos; dado bastante interessante por se tratar de um contexto histórico (de forte censura à imprensa) em que, se as informações veiculadas não interessassem ao Governo, as marcas explícitas de subjetividade poderiam gerar graves problemas (perseguições, prisões, torturas, mortes etc.) para os jornalistas.

Em relação às fontes de informação, o *Informe Quiral* (2000, p. 68 – tradução minha) aponta que se trata de “pessoas, entidades ou material escrito que serve para proporcionar ao redator informação sobre um novo tema, opiniões, argumentos, dados, etc.”⁷. Nesse sentido, considerou-se aqui, como fontes de informação, não somente as vozes de especialistas e/ou de cientistas citados pelos jornalistas nas notícias, mas também as instituições que, através de seus comunicados, se posicionaram a respeito das descobertas científicas e/ou auxiliaram os jornalistas na divulgação das mesmas.

Por meio dessa pesquisa, constatou-se então que os jornalistas da revista *Veja*, ao divulgarem o discurso científico durante a ditadura, citaram o nome de profissionais que, por serem especialistas, serviram como fonte de legitimidade para as informações dadas pela revista. Contudo, pode-se observar, conforme mostra o quadro abaixo (que apresenta a data de publicação dos textos, o nome do profissional e o cargo/profissão de cada nome apresentado), que a revista só deu voz a um cientista brasileiro; o qual foi apresentado como “pai de cientista”.

Essa informação é bastante relevante se pensarmos que o movimento ditatorial condenava e reprimia a expansão do Comunismo, movimento que se assenta sob a base filosófica do ateísmo – doutrina também combatida pela ditadura militar. Desse modo, como representante da Igreja Católica, Carlos Borghi é o único cientista brasileiro a não ser silenciado pela censura ditatorial aplicada à revista *Veja*.

Essas percepções são relevantes na medida em que, como se sabe, o AI-5 foi responsável pelo acirramento da Lei de Censura (instaurada pela Constituição de 1967) que acarretou no silenciamento de grande parte da população brasileira e fez, como se perce-

⁷ “[...] las personas, entidades o material escrito que sirve para proporcionar al redactor información sobre un nuevo tema, opiniones, argumentos, datos, etc.”

be, com que os cientistas brasileiros não fossem considerados, de forma explícita, como fonte de informação nos textos que analisamos, ao passo que os estrangeiros (em sua maioria norte-americanos) foram constantemente citados.

Cientistas citados, como fontes de informação, pelos jornalistas da revista <i>Veja</i>		
Data da publicação	Nome do especialista	Cargo
09/04/1969 (1)	Karl Steinbrugge	Especialista da Universidade da Califórnia
	William Pecora	Chefe da Pesquisa Geológica dos Estados Unidos
09/04/1969 (2)	Georges Edourd Lemaitre	Abade belga
	Fred Hoyle	Astrônomo inglês (fundador da teoria chamada de “nova cosmogonia”)
	Arthur Code	Astrônomo americano
16/04/1969	William Douglas	Presidente da empresa Carcers Inc. - EUA
	Maurice Shumann	Ministro da Pesquisa Científica da França
	Dean Rusk	Secretário de Estado Americano
	Stevan Dedijer	Professor da Universidade de Lund (Suécia)
	Tycho Brahe	Astrônomo dinamarquês
23/04/1969	Carlos Borghi	Padre e cientista do Centro de Energia Nuclear da Universidade Federal de Pernambuco
30/04/1969 (1)	Lyndon Johnson	36º Presidente dos EUA
	Charles S. Sheldon H.	Chefe da Biblioteca da Divisão de Pesquisas da Política Científica do Congresso Americano
30/04/1969 (2)	Peter Van Kamp	Astrônomo, compositor e diretor do Observatório Sproul (Pensilvânia – EUA)
30/04/1969 (3)	Conrad Moore	Oftalmologista do Hospital Metodista de Houston (Texas, EUA)

Quadro II – Cientistas citados nos textos analisados
Fonte: Elaborado pelas autoras

Igualmente ao fato de alguns cientistas, como atores sociais de prestígio e renome, servirem de referência aos textos de divulgação científica publicados pela *Veja*, observa-se que algumas instituições também atuaram como fontes diretas de informação para a mesma, conforme se pode observar pelo quadro a seguir:

Instituições citadas, como fontes de informação, pelos jornalistas da revista <i>Veja</i>	
Data da publicação	Instituição
30/04/1969 (1)	Departamento de Defesa dos EUA
	Rande Corporation
30/04/1969 (2)	Hospital Metodista de Houston (Texas, EUA)
	Associação Paulista de Medicina

Quadro III – Instituições citadas nos textos analisados
Fonte: Elaborado pelas autoras

Em relação às instituições, observa-se que a presença delas é pouco numerosa, aparecendo em somente dois textos. Acredita-se que isso se deve ao próprio contexto histórico em que essas notícias foram publicadas; uma vez que, na década de 60, a transmissão de informações ainda se dava de forma precária entre os diversos países.

Entretanto, a aparição da Associação Paulista de Medicina, como fonte de informação da notícia (2) do dia 30 de abril de 1969, merece destaque. Como se pode observar, a notícia em questão refere-se a um transplante de córnea que médicos norte-americanos realizaram em um homem também norte-americano. Nesse contexto, a referida Associação aparece criticando o procedimento realizado pelos médicos e, ainda, afirmando que a confiabilidade do mesmo é questionável:

(1) Então, como retirar o olho de um morto, sem que o próprio olho não esteja morto? As notícias de Houston não trazem resposta. Quem respondeu foi a Associação Paulista de Medicina, três dias depois: a operação na forma como foi noticiada é absolutamente impossível. Por que essa atitude incomum dos médicos de São Paulo em relação a uma operação feita no exterior? [...] Nos consultórios de oftalmologistas, telefones começaram a chamar a partir da manhã do dia 24. Cegos ansiosos perguntavam sobre o transplante. Para todos era dada a mesma resposta: a notícia não pode ser verdadeira. (O impossível enxerto do olho. *Veja* – seção Ciência. 30 de abril de 1969)

Como se vê, a crítica a esse procedimento médico figura como uma afronta aos Estados Unidos, mas também, pode-se dizer, ao Governo brasileiro, uma vez que, como se sabe, este manteve, desde o Golpe de 1964, uma relação de apoio, por meio da operação *Brother Sam*⁸, e um regime político bastante próximo ao dos norte-americanos. Não obstante, a generalização dos enunciadores, sob a forma de “Associação Paulista de Medicina”, evidencia que não nominalizar era uma forma de minimizar as responsabilidades sobre esse dito que critica os médicos americanos.

Além disso, a análise dos textos permitiu-nos avaliar qual foi o espaço que a revista *Veja* dedicou à divulgação de fatos científicos nacionais e internacionais. Como já dito, constatou-se que, dos nove textos que formam o *corpus*, somente um referia-se à propagação de pesquisas nacionais, conforme apresenta o quadro seguinte:

Matérias relacionadas a pesquisas nacionais	Matérias relacionadas a pesquisas internacionais	Matérias que mesclam pesquisas nacionais e internacionais	Total de matérias publicadas
1	8	0	9

Quadro IV – Pesquisas nacionais e internacionais citadas nos textos analisados
Fonte: Elaborado pelas autoras

A não publicação de informações referentes às pesquisas nacionais mais uma vez revela a dinâmica que caracterizava as condições de produção e de circulação dessas notícias. Nota-se o quanto a Lei de Censura e outras políticas governamentais (como o estreitamento de laços entre os governos brasileiro e norte-americano) afetaram a comunidade científica brasileira, silenciando-a e fazendo com que somente o que era produzido fora daqui fosse destacado pela mídia.

⁸ Brother Sam foi uma operação de apoio do Governo dos Estados Unidos ao Golpe militar de 1964. Sua missão era enviar uma frota militar que pudesse combater possíveis resistentes e apoiadores do ex-presidente brasileiro João Goulart.

5 A divulgação da ciência, na *Veja*, durante o mês de abril de 1969

Cassany, Lópes e Martí (2000, p. 74) argumentam que os discursos científicos são moldados em consonância com as condições de produção em que ocorrem, de modo que os parâmetros (sua forma e seu conteúdo) do dizer científico tendem a refletir o contexto social, histórico e cultural. Essa informação é relevante se considerarmos os fatos científicos divulgados pela mídia em um contexto de forte repressão social.

De modo geral, a divulgação da ciência na mídia, como qualquer outra forma de discurso, não está isenta de subjetividade, nem desvincula-se de interesses diversos (políticos, econômicos etc.). Considerando essas questões, tem-se que compreender o processo de divulgação dos fatos científicos e refletir sobre o contexto de produção das notícias analisadas demanda a identificação e a análise dos procedimentos discursivos e das estratégias utilizadas, pelos jornalistas, para levar o público heterogêneo e não especializado à compreensão do que ocorreu nesse momento histórico.

Como já dito, o processo de “recontextualização” materializa-se a partir dos procedimentos linguístico-discursivos de “expansão”, “redução” e “variação” e de algumas estratégias divulgativas que foram identificadas nos textos e serão discutidas a seguir. Vale ressaltar que, para essa análise, selecionamos os dois textos mais significativos (em termos de temática e de materialização discursiva da “recontextualização”) do *corpus*: “Satélite espia segredos de toda a Terra” e “O impossível enxêto do olho”, ambos publicados em 30 de abril de 1969.

5.1 Expansão

De acordo com Cataldi (2007a, p. 161), ao se comunicarem mediante o uso de discurso escrito, os enunciadores não usufruem de condições de interação recíproca imediata, o que leva os mesmos, segundo a autora, a utilizarem a “expansão” como meio de prover aos interlocutores uma efetiva participação/compreensão.

Sendo assim, a “expansão” consiste em um procedimento discursivo pelo qual o autor

[...] substitui um termo por outro semanticamente equivalente, explicita alguns conhecimentos compartilhados pelos participantes e introduz informação nova que de maneira implícita já havia sido anunciada no discurso, mantendo, assim, a continuidade e a progressão discursiva [...].⁹

Cassany, Lópes e Martí (2000, p. 85) chamam esse procedimento de “inclusão” e o caracterizam como uma ampliação, efetuada pelo enunciador, da rede conceitual do conhecimento científico, de modo a estabelecer conexões entre a mesma e outros conhecimentos mais relacionados à realidade imediata (e cotidiana) dos interlocutores.

Quanto a esse recurso, cita-se alguns trechos retirados do texto “Satélite espia segredos de tôda a Terra”:

(2) “Entre os milhares de fotografias reveladas recentemente num prédio sem nome perto de Washington, havia uma que mostrava um russo andando em Moscou. Era a última foto de uma série: a primeira, tomada com objetiva de abertura angular, mostrava tôda a cidade; ma segunda, tirada com teleobjetiva, aparecia uma rua de Moscou, com detalhes consideráveis. A fotografia do russo é uma ampliação desta última. Em tudo se parecem com fotos comuns, mas as duas câmaras estavam a uma altura de 150 km sôbre Moscou [...].”

Em relação a esse trecho, tem-se uma *expansão* porque, já inicialmente, o enunciador busca estabelecer uma relação entre o objeto científico a que o texto faz menção – as imagens capturadas por satélites – e um referente que se supõe próprio do cotidiano dos leitores: a fotografia.

Além disso, vale destacar que não somente as informações contidas nesse trecho, como toda a notícia em questão, representam dados que merecem destaque por se referirem, em um contexto de forte coerção social, a objetos que mesmo “a uma altura de 150 km” da Terra são capazes de captar imagens com precisão.

⁹MARTINEZ apud CATALDI, 2007a, p. 161.

Sabendo que a *Veja* foi uma revista que, nesse contexto histórico, posicionou-se de forma contrária ao governo ditatorial, tem-se que, à medida que o jornalista inicia o seu texto apresentando tais informações, é como se ele alertasse os outros opositores do Governo dizendo: “Tenham atenção! Podemos ser vigiados a partir de locais e distâncias que não imaginamos”. O que, não obstante, também é evidenciado pelo próprio título da notícia; uma vez que o jornalista utiliza o verbo “espionar” em paralelo com o objeto direto “segredos de tóda a Terra”.

(3) “Quanto custa essa operação de espionagem por satélites? Nenhuma informação oficial fala sobre seu preço, mas o orçamento especial do Departamento de Defesa custa 2 bilhões de dólares por ano e mais dinheiro é tirado dos orçamentos secretos da CIA e outras agências de inteligência, que interpretam os dados finais. Cálculos aproximados indicam que o total de gastos deve ser de 4 bilhões de dólares por ano (cêrca de 16 bilhões de cruzeiros novos).”

O trecho acima também é uma expansão do texto-base por apresentar uma crítica quanto ao procedimento científico realizado pelo governo dos Estados Unidos. A oração “Nenhuma informação oficial fala sobre seu preço” demonstra o caráter velado que os gastos relacionados à experiência científica de produzir e lançar satélites no espaço possuíam; o que é evidenciado pelo uso do adjetivo “secreto” – na oração “mais dinheiro é tirado dos orçamentos secretos da CIA”.

Como exemplo, tomemos esse outro trecho:

(4) “Lyndon Johnson achava vantajosa a espionagem por satélites. “Eu sei quantos foguetes o inimigo tem, graças aos satélites de reconhecimento”, disse êle uma vez. O que Johnson não disse é que muitas outras informações também foram obtidas da mesma forma, desde a quantidade de arroz a ser produzida pela China e o perigo de sêca nos campos de trigo da Rússia central até a temperatura de um rio à margem de uma usina suspeita de produzir material nuclear – uma medida da radiatividade na região.”

Como se pode perceber pela leitura do fragmento acima, essa *expansão* se aproxima muito do que foi comentado em relação ao primeiro exemplo. Iniciando pelo posi-

cionamento do então Presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, o jornalista da *Veja* expõe o que o Governo norte-americano diz conseguir por intermédio da utilização dos satélites, mas expande essa informação na medida em que acrescenta o que também é descoberto, por meio da utilização desses objetos, em civilizações socialistas (China e Rússia).

Ao apresentar tais informações, o jornalista não somente expõe a sagacidade dos EUA para manipular as nações a que persegue, mas também, por meio da apresentação de dados aparentemente inocentes (como a “quantidade de arroz” produzida na China e/ou “o perigo da seca” e a “medida da radioatividade” na Rússia), dribla a ditadura e reitera os riscos a que estão expostos aqueles que se opõem ao governo militar.

Já em relação ao segundo texto analisado, “O impossível enxerto do olho”, apresenta-se os seguintes fragmentos:

(5) “Farsa ou milagre? Do Hospital Metodista de Houston, Texas, EUA, chegava dia 22 a notícia impossível: um homem poderá ver com os olhos de outro. Esse homem é John Madden, 54 anos, fotógrafo que duas semanas antes entrou no Hospital com uma doença na córnea [...]”

Nesse exemplo, ao apresentar o fato científico de um transplante de “olho” ter sido realizado por médicos norte-americanos em um homem chamado John Madden, o jornalista da *Veja*, logo de início, questiona a veracidade das informações fornecidas pelo Hospital Metodista de Houston. E, por meio da interrogação “Farsa ou milagre?”, ele interage com seus interlocutores, visando levá-los à suspeita de que há algo de incoerente nas afirmações do Hospital.

Não obstante, o sintagma adjetival “a notícia impossível” também favorece a construção de efeitos de sentido que vão além da informação científica primária, uma vez que o mesmo se presta a questionar, naquela época histórica, a capacidade dos médicos norte-americanos de realmente fazerem com que um homem, que possuía problemas oculares, voltasse a enxergar mediante a recepção da córnea de uma pessoa morta.

(6) “Então, como retirar o olho de um morto, sem que o próprio olho não esteja morto? As notícias de Houston não trazem resposta. Quem respondeu foi a Associação Paulista de Medicina, três dias depois: a operação na forma como foi noticiada é absolutamente impossível. Por que essa atitude incomum dos médicos de São Paulo em relação a uma operação feita no exterior? [...] Nos consultórios de oftalmologistas, telefones começaram a chamar a partir da manhã do dia 24. Cegos ansiosos perguntavam sobre o transplante. Para todos era dada a mesma resposta: a notícia não pode ser verdadeira.”

No presente fragmento, o enunciador novamente expande a notícia científica de base, ao criticá-la por meio da apresentação do posicionamento da Associação Brasileira de Medicina. Contudo, esse enunciador também expande as informações-base ao voltar-se para o contexto brasileiro e apresentar as implicações que as notícias de Houston acarretaram nas pessoas com problemas de visão, as quais se encheram de esperança, e nos oftalmologistas, que se responsabilizaram por desanimar as pessoas que buscavam cura.

Quanto à utilização do procedimento linguístico-discursivo de “expansão”, vale ressaltar, por fim, que o seu suporte ao processo de divulgação do discurso científico demonstra que a revista *Veja*, além de informar o público sobre fatos científicos, buscou debater os dados apresentados (dados os aspectos negativos ressaltados e as críticas feitas), bem como driblar a censura que lhe era imposta pelo acirramento da política ditatorial que o AI-5 ocasionou.

5.2 Redução

O processo de “redução” ocorre porque, enquanto alguns conceitos científicos são imprescindíveis para a divulgação de determinados conhecimentos, outros são menos significativos em termos de relevância comunicativa e cognitiva (CASSANY, LÓPEZ, MARTÍ, 2000, p. 82).

Não obstante, Cassany (1997, p. 25 – tradução minha) aponta que

[d]as fontes só se pode retomar a informação nuclear: a descoberta ou o progresso realizado pelo cientista; o resto (estado da arte,

descrições, antecedentes, discussões) se suprime. Portanto, a [própria] decisão a respeito de qual informação incluir, implica um procedimento de redução [...].¹⁰

Em relação ao texto “Satélite espia segredos de toda a Terra”, destacam-se os seguintes fragmentos que evidenciam “redução”:

(7) “O processamento das informações é feito por milhares de peritos em fotografia, eletrônica, armamento e economia, nas diversas agências de espionagem do Governo dos Estados Unidos. As fotos são reveladas, os códigos de rádio decifrados e as marcações de radar analisadas.”

Como se pode observar, o trecho acima é um típico exemplo de “redução”, pois, o jornalista responsável pelo mesmo, ao redigi-lo, apresenta somente a informação nuclear referente ao modo como os dados dos satélites são tratados e por quem isso é feito. Isso mostra não somente a seleção que é efetuada pelo jornalista na hora de repassar ao público-leitor os conhecimentos de caráter científico, como também a condensação e o descarte que é efetuada em relação às informações consideradas como prescindíveis para os propósitos comunicativos daquele que escreve.

(8) “Um espião cósmico diferente é o chamado “ôlho asiático”, em velocidade orbital próxima à da Terra. Permanece o tempo todo sobre o Vietnã do Norte, metade da China e parte do território russo. O olho asiático passa sobre Saigã e Jacarta, descrevendo curvas em oito acima de todo o Sudeste asiático.”

Em (8), observa-se que o enunciador é extremamente sucinto ao falar sobre o “ôlho asiático”, pois menciona apenas a velocidade com que o mesmo gira em torno da Terra, sem apresentar maiores informações sobre como esse processo se dá. Nota-se, en-

¹⁰ “De las fuentes sólo se puede retomar la información nuclear: el descubrimiento o progreso realizado por el científico; el resto (estado del arte, descripciones, antecedentes, discusiones) se suprime. Por lo tanto, la decisión respecto a qué información incluir, implica un procedimiento de reducción [...].”

tretanto, que ao apresentar esse objeto, o enunciador frisa novamente, por meio do sintagma nominal “o tempo tódo”, o fato de os Estados Unidos vigiarem as nações socialistas (Vietnã do Norte, China e Rússia) por meio de satélites.

Por meio disso, observa-se que a utilização da estratégia de “redução” explicita a tentativa do enunciador de enfatizar, à medida que descarta informações do texto científico, aquilo que lhe parece importante para os propósitos comunicativos que a formação discursiva de onde ele fala (a revista *Veja*) possui.

Já em relação ao texto “O impossível enxêrto do ôlho”, observa-se:

(9) “Para fazer o transplante é preciso cortar o nervo ótico do receptor (seta, na figura) por onde passa o feixe e ligá-lo ao do ôlho doador. Os 107 milhões de fios devem ligar-se, dois a dois, na ordem certa. Qualquer êrro impede o cérebro de reconstruir o mosaico que forma a imagem.”

Nesse trecho, igualmente aos anteriores, pode-se observar uma grande simplificação do discurso científico, pois, há uma apresentação de informações muito nucleares sobre o processo de transplante ocular. O enunciador resume como ocorre o transplante em apenas duas sentenças e, assim, abrevia o conteúdo científico e o torna mais inteligível para os leitores.

Contudo, acredita-se que a “redução” aqui efetuada também pode estar relacionada à falta de informações consistentes e detalhadas por parte da fonte, o Hospital Metodista de Houston; pois, conforme o jornalista argumenta em outro trecho do texto, não houve apresentação de nenhuma “[p]alavra sôbre a recuperação da visão”.

Tudo isso evidencia que, de modo geral, a “redução” é um procedimento linguístico-discursivo que caracterizou o processo de “recontextualização” de informações científicas na revista *Veja*, uma vez que sua utilização marcou a busca por resumir os conteúdos e apresentar somente o que é necessário à compreensão dos leitores. Contudo, nota-se que o segundo dos exemplos também evidencia o estabelecimento de debates por meio da “redução”, visto que ao mesmo tempo em que o jornalista restringiu algumas informações, ele acrescentou outras que atendiam aos seus propósitos comunicativos.

5.3 Variação

O procedimento linguístico-discursivo de *variação* diz respeito às diversas transformações pelas quais um discurso científico passa até que se torne um discurso jornalístico de divulgação para as grandes massas.

Como um dos principais recursos do processo de reformulação do discurso científico, a “variação” assinala as mudanças na forma de apresentação da informação científica na mídia, o que se dá em relação ao léxico, à modalidade enunciativa e a outros aspectos linguísticos (CIAPUSCIO, 1997).

Em relação à *Veja*, notou-se que os textos estudados apresentaram-se marcados pela ocorrência de “variações denominativas”, ou seja, constatou-se que diferentes palavras foram utilizadas como variações de termos tecnocientíficos no processo de divulgação da ciência. Dentre os exemplos do uso do procedimento de “variação” no texto “Satélite espia segredos de toda Terra”, destacam-se os seguintes trechos:

(10) “[...] Místat, programa de **satélites militares** [...]” (Grifo meu)

(11) “Lyndon Johnson achava vantajosa a espionagem por **satélites**.” (Grifo meu)

(12) “Hoje já há **satélites espíões** de 4 toneladas, lançados com um foguete Titã III Agena D [...]” (Grifo meu)

(13) “Enquanto o satélite gira na direção dos pólos, a Terra gira na direção do Equador e, com isso, um único **espião** percorre toda a superfície do planeta.” (Grifo meu)

Como se pode observar pelos trechos grifados, há uma variação denominativa do termo “satélite”, o qual amplia-se no interior de um campo semântico relacionado à ideia de “espionagem”. Dizemos isso, pois, os exemplos demonstram que esse termo é conceituado gradativamente como “satélites militares”, “satélites”, “satélites espíões” e “espião”.

Tais “variações” mais uma vez demonstram o quanto a divulgação de informações científicas na *Veja*, durante a ditadura, não estava isenta de criticidade e o quanto a tenta-

tiva de burlar a ditadura, dada a apresentação de esquemas de espionagem realizados por um país alinhado à política do Governo brasileiro, era uma realidade no discurso dessa revista.

No texto “O impossível enxêrto do ôlho”, foram encontradas somente as seguintes “variações denominativas”:

(14) “Foi a primeira notícia registrada de um transplante de **ôlho** humano.” (Grifo meu)

(15) “Os músculos deverão permitir o movimento do **órgão** enxertado.” (Grifo meu)

(16) “O ôlho vê porque um número fantástico de pequenos espelhinhos – 100 milhões de bastonetes e 7 milhões de cones – registra pedacinhos de imagem e manda os sinais ao cérebro, cada um por um pequeno fio, formando um grosso feixe, como um cabo telefônico.”

As duas primeiras sequências discursivas, como se pode notar, apresentam conceitos que são substituídos a partir de uma variação sinonímica: o termo “ôlho” é substituído por “órgão”; o que permite que um termo mais geral seja utilizado como equivalente semântico de um mais específico.

Já em (16), vê-se que há uma variação em relação ao próprio discurso científico, uma vez que alguns usos de diminutivos (“espelhinhos” e “pedacinhos”) e algumas expressões (tais como “número fantástico de espelhinhos”, “pedacinhos de imagem” e “como um cabo telefônico”) apresentam associações metafóricas entre o órgão humano “olho” e o objeto espelho e/ou entre os fios neuronais e um cabo telefônico; o que serve para diminuir a distância entre o discurso inicial científico e o aquele que chega ao público não especializado.

5.4 Definição

O processo de “recontextualização” do discurso científico é marcado por “estratégias divulgativas”; o que significa que, ao divulgarem as notícias de cunho científico, os

jornalistas tendem a reformular a linguagem de modo que o discurso dos especialistas, conforme já discutido, torne-se acessível ao público comum.

Nesse sentido, observa-se que a “definição” é utilizada pelos jornalistas como uma estratégia para explicar o significado de determinados termos e conceitos técnicos indispensáveis à apresentação de certos fenômenos e descobertas científicas. Em relação à *Veja*, pode-se observar que os textos analisados apresentaram o uso dessa estratégia como um importante recurso para o esclarecimento da terminologia especializada.

Em relação ao procedimento explicativo utilizado nos textos de divulgação, Gomes (2007, p. 168) ressalta que

[o] uso de termos especializados em textos de divulgação científica é inevitável. [E o] desafio para quem os redige consiste em dar explicações precisas e claras, acessíveis ao leitor não-especialista: todavia, o fato de determinado texto conter termos especializados nem sempre gera problemas de compreensão para o leitor leigo. No entanto, é grande a possibilidade de o texto ou parte dele se tornar incompreensível se esses termos forem usados sem qualquer tipo de procedimento explicativo, ou quando a explicação é pouco clara.

Sendo assim, retiramos de “Satélite espia segredos de toda Terra” os seguintes exemplos de “definições”:

(17) “[...] Mistat, programa de satélites militares responsável por dois em cada três lançamentos espaciais dos Estados Unidos.”

(18) “Midas – Satélite de advertência antecipada, equipado com sensores infravermelhos e colocado em órbitas circulares a 3.200 km de altura.”

(19) “770 – Satélite equipado com radar direcional, com antena adaptada ao longo do foguete Agena.”

E, de “O impossível enxêto do olho”, o seguinte:

(23) “Êsse homem é John Madden, 54 anos, fotógrafo que duas semanas antes entrou no Hospital com uma doença na **córnea**, **espécie de lente que recobre a pupila dos olhos**.” (Grifo meu)

Como se vê, é a partir de “definições” que os jornalistas esclarecem o sentido dos termos científicos apresentados. Assim, “Mistat” é definido como o “programa de satélites militares responsável por cada três lançamentos espaciais dos Estados Unidos”, “Midas” como “[s]atélite de advertência antecipada” e assim por diante. Além disso, observa-se que o enunciador do segundo texto vale-se de uma associação, tomando “córnea” como “lente que recobre a pupila dos olhos”, para explicar o termo de uma forma que seja mais acessível ao leitor não especializado.

Com base nesses exemplos, constatamos que a utilização da “definição”, como estratégia divulgativa, é um recurso que visou explicar e/ou definir satisfatoriamente os termos próprios do discurso científico para os leitores.

6 Considerações finais

Tendo em mente que o propósito desse artigo foi analisar discursivamente como ocorreu a “recontextualização” do discurso científico na revista *Veja*, em notícias publicadas durante o mês de abril (quarto mês de AI-5) de 1969, constata-se a que os dados encontrados refletem as condições de produção do *corpus* analisado, constituído pelos nove textos publicados no referido período.

Pôde-se perceber que a comunidade científica encontrava-se, de fato, silenciada; o que se confirma pelo número discrepante de publicações voltadas para a divulgação de pesquisas internacionais e pelas fontes de informação utilizadas, as quais foram, em sua maioria, estrangeiras. Não obstante, observou-se que os cientistas foram as principais fontes de informação da *Veja*, fato que parece apontar para a utilização da voz desses atores sociais como uma estratégia do enunciador (jornalista) para colocar em outrem a responsabilidade sobre o que diz.

Quanto ao processo de “recontextualização” do conhecimento científico, percebe-se que, ainda que de modo geral, os textos “Satélite espia segredos de toda Terra” e “O

impossível enxêrto do ôlho” apresentem o propósito comunicativo de informar os seus leitores acerca dos acontecimentos relacionados à ciência, o uso de procedimentos linguístico-discursivos e de estratégias divulgativas conferiram, em alguns momentos, tons de crítica, de denúncia e de resistência com relação ao governo brasileiro.

Por fim, tem-se que a “expansão” foi o procedimento linguístico-discursivo mais utilizado nestes dois textos, o que evidenciou uma tentativa de ir além do discurso científico e de, ainda que implicitamente, debater as informações científicas e driblar a censura imposta à redação da revista.

**LA DIFFUSION SCIENTIFIQUE DANS LA DICTATURE MILITAIRE:
UNE ANALYSE DISCOURSIVE DES TEXTES PUBLIÉS,
PAR LA REVUE VEJA, EN AVRIL DE 1969**

RESUMÉ: Cet article analyse, à travers de l'analyse du discours de la diffusion scientifique, comme l'information scientifique a été divulguée dans la revue *Veja*, au cours de l'act AI- 5 . L'objectif est de vérifier comment le discours scientifique a été recontextualisé au grand public, dans un contexte historique et social avec répression. Un corpus constitué par neuf textes publiés à cette époque, l'article montre comment les conditions de production, marquées par la répression de la presse, ont influencé la revue dans sa relation avec la communauté scientifique. En outre, l'analyse linguistique et discursive de deux textes (« Satélite espia segredos de toda a Terra” e “O impossível enxêrto do ôlho”), publié le 30 Avril 1969, montre comment les journalistes ont esquivé à la dictature imposée sur le journal et, avec cela, il est possible de conclure que la diffusion du discours scientifique en *Veja*, pendant la dictature et l' AI- 5 , ne reste pas neutre et libre de criticité.

MOTS-CLÉS: Discours ; Dictature ; Diffusion scientifique, *Veja*.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; RIDENTLI, M. Operários e estudantes contra a Ditadura: 1968 no Brasil. *Mediações*, v. 12, n. 2, p. 78-89, Jul/dez. 2007.

Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3319/2719>>. Acesso em: 20 out. 2015.

BARREIROS, T. E.; AMOROSO, D. Jornalismo estrábico: *Veja* e Carta Capital na co-bertura do “Escândalo do Mensalão”. *Perspectivas de la comunicaci3n*. n.1, 2008, p. 120-131.

CALSAMIGLIA, H.; CASSANY, D. Voces y conceptos en la divulgación científica. *Revista Argentina de Lingüística*, n. 15, p. 173-208, 1999.

CALSAMIGLIA, H. *et al.* Análisis discursivo de la divulgación científica. *Lengua, Discurso, Texto* (I Simposio Internacional de Análisis del Discurso), Madrid, v. II, 2001. p. 2639-2646.

CASSANY, D.; LÓPEZ, C.; MARTÍ, J. La transformación divulgativa de redes conceptuales científicas. Hipótesis, modelo y estrategias. *Revista iberoamericana de Discurso y Sociedad*, v. 2, n. 2, jun. 2000. P. 73-104.

CATALDI, C. *Los transgénicos en la prensa española: una propuesta de análisis discursivo*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2003. 409 p. (Tese de Doutorado)

_____, C. A divulgação da ciência na mídia impressa: um enfoque discursivo. In: GOMES, Maria Carmem Aires; MELO, Mônica Santos de Souza; CATALDI, Cristiane. *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa – MG: Ed. UFV, 2007a.

_____, C. Análise discursiva da denominação utilizada na mídia impressa para representar e divulgar o conhecimento sobre planta transgênica. In: GOMES, Maria Carmen Aires; MELO, Mônica Santos de Souza; CATALDI, Cristiane. *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa – MG: Ed. UFV, 2007b.

_____, C. A definição utilizada como estratégia divulgativa sobre transgênico na mídia impressa. *Vertentes*. n. 32. São João del-Rei, jul/dez 2008. p. 256-265.

CIAPUSCIO, G. Lingüística y divulgación de ciencia. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 19-28, 1997.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2015.

GAZZOTTI, J. A revista *Veja* e o obstáculo da censura. *Revista Olhar*, n. 5-6, p. 1-9, ano 03, jan/dez 2001. Disponível em: <<http://olhar.ufscar.br/index.php/olhar/article/view/61/52>>. Acesso em: 21 out. 2015.

Informe Quiral. Publicaciones del Observatorio de la Comunicación Científica y Médica. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, 2000. p. 61 – 80.

_____. *Veja e os governos militares 68/85*. São Carlos: UFSCar, 1998. (Dissertação de Mestrado) Disponível em: <<http://www.arqanalagoa.ufscar.br/tesesdisserta.asp>>. Acesso em: 21 out. 2015.

JOFFILY, M. *No centro da engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 349 p. (Tese de Doutorado)

REIS, D. A. Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 88.

Van DIJK, T. A. Por uma teoria da comunicação científica: discurso, conhecimento, contexto e compreensão da sociedade. In: GOMES, M. C. A.; CATALDI, C.; MELO, M. S. S. (Orgs.). *Estudos discursivos em foco: práticas de pesquisa sob múltiplos olhares*. Viçosa: Ed. UFV, 2011, p. 19-40.

*Recebido em 13/09/2016.
Aprovado em 07/11/2016.*